

Carta aberta à comunidade da FCM/Unicamp

Após 2 paralisações, 3 reuniões de negociação e quase 1 mês de greve, o comando de greve gostaria de expor seu posicionamento sobre o movimento até esse momento.

Além de apoiar as pautas do movimento geral dos estudantes da Unicamp, os alunos de Medicina levantaram pautas específicas a serem negociadas com a diretoria. Nas negociações, conquistamos o cumprimento de uma recomendação da DAC não respeitada pelo curso de Medicina, a saber, a existência de um dia por semestre para avaliação do curso. Outra conquista do movimento foi a garantia de vale-transporte para estudantes que, por motivos socioeconômicos, não poderiam participar das atividades acadêmicas obrigatórias nos locais de estágio. Entendemos que o movimento de greve, com a conquista dessas pautas, contribuiu para a realização de melhorias constantes em nosso ensino e para a construção de um curso de medicina mais inclusivo.

Gostaríamos de ressaltar, no entanto, que o diálogo com a diretoria e professores da FCM não está sendo fácil. Queremos expor alguns fatos para que possamos melhorar nosso diálogo com toda a comunidade acadêmica. Entendemos que são as críticas que propiciam saltos de qualidade aos processos e esperamos que todos tenhamos maturidade para lidar com elas, afinal somente assim poderemos avançar.

No dia seguinte à assembleia em que foi deliberada a greve, anunciamos oficialmente na reunião da CEG que o movimento começaria na semana seguinte, a partir do dia 20/06/2016. Na nossa avaliação, a reunião foi bastante proveitosa: conseguimos conversar sobre os processos de greve, recebemos sugestões de como encaminhar os problemas de perda de conteúdo e de provas, sugestões de como fazer as negociações e também de respeitar o direito de greve. Depois disso, encaminhamos à diretoria um documento com nossas pautas de reivindicações, deliberadas em assembleia. Apresentados esses fatos, não entendemos os motivos que levaram membros da diretoria a anunciar que o estado de greve não foi informado oficialmente. Acreditamos que essas atitudes deslegitimam o movimento e não contribuem para o avanço do diálogo entre estudantes e diretoria. Defendemos que a greve é uma forma de abrir diálogo, de expor pautas de reivindicações e de exercer a democracia. Entretanto, nas reuniões de negociação, o movimento grevista foi tratado como uma forma de fechar o diálogo, como uma forma infantil de reivindicar pautas e uma forma inconsequente de exercitar a democracia. Não conseguimos compreender como essa visão contribui para uma faculdade mais democrática. Estranhamos que uma diretoria, eleita com uma “tradição” de diálogo com os movimentos sociais, reaja de tal maneira ao movimento de greve - um direito garantido pela Constituição.

Na última reunião de negociação (29/06/2016), os estudantes do primeiro ano compareceram para participar, pois se sentiram convidados por um membro da diretoria/comissão de ensino. Os membros do comando de greve também não esperavam a presença dos estudantes, mas defenderam sua participação. A diretoria, contudo, impediu que isso ocorresse. Quando reivindicamos que os estudantes ao menos pudessem assistir à reunião, a diretoria exigiu que fosse conduzida somente com o comando de greve e de portas fechadas. Ainda, durante a reunião, os estudantes tiveram suas falas interrompidas muitas vezes. Se o ambiente já estava opressor, tais fatos dificultaram ainda mais a exposição de nossas ideias e, assim, o estabelecimento de um diálogo de fato. Foi exigido, de forma intimidadora, que fosse enviado à diretoria todos os nomes dos integrantes do comando de greve e, destes, os que fariam parte da comissão de negociação. Sabemos que os estudantes são o ponto frágil na relação professor-estudante e tememos receber futuras retaliações. Para nós, estudantes, já é muito difícil dizer o que pensamos e expor as críticas que temos, essas atitudes contribuem para que nos sintamos mais coagidos e inibidos. Entendemos que as críticas dos membros da

comunidade acadêmica são fundamentais para o aprimoramento contínuo da Universidade, sempre repensando seus pontos frágeis. Estimular as críticas, ao nosso ver, seria o papel de uma diretoria comprometida com a Universidade. Não conseguimos compreender, portanto, o motivo dessas atitudes que impedem os estudantes de dizer o que pensam. A diretoria afirma que se coloca à disposição para denúncias e apuração de fatos não aceitáveis em qualquer sociedade plural e democrática, porém não enxergamos como essas atitudes contribuem para que os estudantes se sintam à vontade para fazer tais denúncias.

O movimento de greve, ciente de que deveria haver mais diálogo com professores e com toda a comunidade acadêmica se esforçou para divulgar todas as atividades. Realizamos, inclusive, um espaço de discussão entre discentes e docentes com esse objetivo, para que pudessemos debater as diversas opiniões, ouvir críticas ao movimento, etc. Enviamos mais de 300 e-mails e publicamos em nossas páginas eletrônicas. Além disso, solicitamos que o espaço fosse divulgado pelo meio de comunicação oficial, o qual publica congressos, atividades da faculdade e demais assuntos de interesse da FCM. Alguns minutos antes do início, recebemos o comunicado de que a conversa com os professores não seria divulgada para a comunidade acadêmica. O resultado foi que tivemos somente um professor presente. Não entendemos as razões de a diretoria/comissão de ensino se negar a divulgar o espaço já que é do interesse de toda a comunidade. Se outros espaços, mesmo que concomitantes com as atividades curriculares são divulgados, por que se negaram a divulgar um espaço pensado para aprimorar o diálogo e a democracia na Universidade?

No dia 01/07/2016 foi construído um workshop de ensino pela diretoria/comissão de ensino, com o objetivo de dar início a uma reforma curricular. Compreendendo a importância do projeto, julgamos que toda a comunidade acadêmica deveria estar envolvida, somente assim tal reforma poderia ser efetiva e melhorar de fato o ensino. Contudo, esse evento foi agendado para um dia em que o primeiro ano teria seis provas, o segundo ano duas provas e o terceiro ano com provas também. Apenas porque estávamos em greve conseguimos participar do espaço e, mesmo assim, em alguns grupos não como protagonistas, em conjunto com a diretoria/comissão de ensino, mas quase como espectadores.

Recentemente, TODOS os estudantes do primeiro ano foram reprovados por frequência ao não comparecerem às aulas e provas durante o período de greve. Ou seja, todos eles foram punidos por respeitar a greve deliberada em assembleia, por expor suas opiniões, por exercer a democracia a que têm direito e por lutar para melhorias na educação e saúde públicas. Considerando que a data limite para inserção de notas e frequência no sistema da DAC era o dia 19/07, não entendemos a necessidade de isso ter sido feito antes. Parece-nos uma tentativa clara de punição ou de coerção para que os alunos suspendessem a greve. Todavia, não queremos acreditar que essa seja a forma de diálogo com os movimentos sociais proposta pela diretoria/comissão de ensino quando eleita. Afinal, não é essa a democracia que defendemos.

Sobre nossas pautas, estamos reivindicando o mínimo, e boa parte delas não exige nenhum gasto financeiro da faculdade. Sabemos que muitos estudantes, mesmo mediante apresentação de atestado médico, são obrigados a frequentar atividades teóricas e práticas doentes ou em condições de saúde que impedem a realização de tais atividades. A diretoria/comissão de ensino se recusa a tomar qualquer atitude que garanta esse direito, mesmo que seja o simples aceite de um atestado médico. Não conseguimos enxergar o objetivo pedagógico de obrigar estudantes adoecidos a desempenhar suas atividades ou a qualidade de assistência quando estudantes que não estão em condições físicas para atender pacientes são obrigados a fazê-lo. Acreditamos que isso fere o compromisso da diretoria/comissão de ensino com os usuários atendidos por esses estudantes no Sistema Único de Saúde. Durante as reuniões de negociação, a diretoria afirmou que não concederá esse direito e caso o aluno doente se sinta prejudicado, existe um canal de denúncia que deverá ser acessado, o CAE. No entanto, o fato desse canal ser composto pelos próprios professores da Medicina, que sabemos

ter grande poder sobre os alunos, faz com que os estudantes não se sintam confortáveis em acessá-lo. A mesma falta de diálogo ocorreu sobre a folga pós-plantão, direito que os residentes conquistaram em 2011. Apresentamos à diretoria alguns artigos que comprovam a ineficácia pedagógica em obrigar os estudantes a desempenhar suas atividades após 12h de plantão. Mesmo cientes disso, a diretoria se negou a tomar qualquer atitude que garantisse a implementação da folga pós plantão para o internato.

Enfim, entendemos que os avanços que tivemos ainda foram poucos. O diálogo proposto pela diretoria/comissão de ensino não nos parece o mais adequado para que possamos avançar em direção a melhorias em nossa Faculdade. Acreditamos que ainda há mais possibilidade de conversas e reuniões para que possamos nos entender melhor. Não queremos acreditar que o que há de proposta de diálogo, por parte da diretoria, seja o que tivemos até agora; não queremos acreditar que o máximo que a diretoria possa contribuir para os avanços de nossas pautas e melhorias de nosso ensino seja o que foi proposto até agora. Estamos abertos ao diálogo com toda comunidade acadêmica, e esperamos que, juntos, possamos construir uma universidade ainda melhor.

Comando de greve da medicina